

Ganância e miséria no pensamento de São João Crisóstomo e seus reflexos na atualidade: uma reflexão bíblico-patristica

Greed and misery in the thought of St. John Chrysostom and its reflections in present: a biblical-patristic reflection

Renato Barbosa dos Santos
Mario Antonio Sanches

Resumo

O objetivo desse artigo é abordar no pensamento de São João Crisóstomo a questão da concentração de bens e a ganância, as quais trazem como consequência a miséria e a fome de muitos. A partir do resgate de algumas obras literárias deste Padre da Igreja, bem como de textos bíblicos que se referem ao tema, este artigo parte das indagações: é possível aceitar a miséria de muitos como algo normal? Como algo que é fruto da vontade divina? Diante da ganância e da miséria com que tinha que conviver constantemente em seu tempo, Crisóstomo, de maneira profética, denuncia e adverte constantemente tal realidade, quando, em suas homilias fala diretamente àqueles que, segundo seu ponto de vista, zombam de Deus ao se aproximarem do altar com faces piedosas, porém, com atitude hipócrita. Abordar este tema nos nossos dias se justifica pelo fato de que a realidade atual não diverge do quadro social que vivia o antioqueno. Por conta disso, cabe hodiernamente a provocação e convocação para que tal tema se transforme novamente em preocupação teológica com impacto no âmbito eclesial.

Palavras-chave: Desigualdade social. Ganância. Miséria. São João Crisóstomo. Bíblia.

Abstract

The purpose of this article is to address – in the thought of St. John Chrysostom – the question of the concentration of goods and greed, which bring consequences misery and hunger of many. From the rescue of some literary works of this Father of the Church, as well as biblical texts that refer to the theme, this article starts from the questions: is it possible to accept the misery of many as something normal? As something that is the fruit of the divine will? Faced with the greed and misery with which he had to live constantly in his time, Chrysostom, in a prophetic way, constantly denounces and warns of this reality, when, in his homilies, he speaks directly to those who, according to his point of view, mock God when they approach the altar with pious faces, but with a hypocritical attitude. Addressing this theme in our days is justified by the fact that the current reality does not diverge from the social framework in the time the Antiochene lived. Because of this, it is fitting today to provoke and call for this theme to become again a theological concern with an impact on the ecclesial sphere.

Keywords: Social inequality. Greed. Misery. St. John Chrysostom. Bible.

Introdução

Este artigo pretende, em tempos cada vez mais reveladores, no que se refere à capacidade humana de autodestruição, refletir a respeito do tema do descaso com a pobreza por parte daqueles que, por vários motivos, procuram alienar-se de tal realidade. Muitos afirmam ser a pobreza uma espécie de opção de quem não quer evoluir através de esforço particular na sociedade. Outros afirmam ser a pobreza o resultado de uma vida biltre, preguiçosa. Prática comum de quem vive no conforto de uma vida sustentada pelo luxo em detrimento das necessidades de muitos. Muitos se iludem em considerar-se “ricos”, quando na verdade, não passam de trabalhadores assalariados que, na possibilidade da perda de seu emprego estarão em más condições. A arrogância de quem se acha melhor do que outros que fazem parte de sua própria classe social, também manifesta a crueldade humana, seja para quem for. Enfim, a partir do resgate de algumas obras literárias deste Padre da Igreja, bem como de textos bíblicos que se referem ao tema, este artigo parte das indagações: é possível aceitar a miséria de muitos como algo normal? Como algo que é fruto da vontade divina?

A dura realidade que cerca a maioria dos seres humanos tem sido, há muito tempo, o resultado da ganância de poucos. A questão da desigualdade social é tema presente no Cristianismo, desde suas raízes no judaísmo. A pessoa de Jesus de Nazaré é um exemplo claro da vida em meio às dificuldades causadas por um pequeno grupo que se alimenta da desgraça da maioria. As atitudes e falas de Jesus chamam a atenção constantemente a respeito do cuidado com os excluídos da sociedade. Felizmente, essa preocupação não termina com a Páscoa de Jesus. Muitos de seus seguidores continuaram envolvidos de maneira ativa na defesa da vida daqueles que a sociedade descartou e continua descartando.

Depois da páscoa de Jesus de Nazaré, com o passar dos anos, o grupo de seguidores do Cristianismo foi se ampliando, de maneira que, aquele pequeno movimento dentro do judaísmo se transformou em algo muito maior. Logo após os apóstolos, o Cristianismo ganha força de personagens de grande importância, conhecidos como Padres da Igreja. Entre o final do primeiro século até aproximadamente a metade do IV século, temos, em sequência, os Padres Apostólicos, discípulos dos apóstolos de Jesus, e os Padres Apologistas. Período conhecido também como época das origens.¹

A partir da metade do século IV, temos outro grupo de cristãos já cercados por condições bem diferentes de seus antecessores, mas que continuam sua luta pelos desamparados. De maneira específica trataremos aqui de uma das personagens que deixou registros escritos muito importantes, a respeito de seu pensamento e atitudes. Trata-se de João Crisóstomo. Seu envolvimento com a realidade dos abandonados pela sociedade, bem como sua contundente crítica à hipocrisia religiosa, revela que, apesar de mudanças na política dentro do Cristianismo, o senso profético sempre se faz presente em muitos de seus seguidores e protagonistas.

Apesar de parecer que, para o Cristianismo, o tema da compaixão deveria ser elementar na vida e atitude de seus fiéis, existem linhas de pensamento que ainda creem que a pobreza, a miséria e tantas outras crueldades que se possa elencar, seriam de vontade divina. Idolatrando seu ego, sua riqueza e sua posição social, transformam o próprio Deus em um ídolo, dessa forma, uma espécie de símbolo de sua vontade particular que conseqüentemente rebaixa Deus a um instrumento de justificativa de sua crueldade.

¹ BOGAZ, A. S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H., *Patrística: caminhos da tradição cristã*.

Obviamente não se trata de um fenômeno exclusivamente cristão, e sim antropológico. Contudo, quando se refere a isso dentro da fé cristã, a gravidade da situação se eleva. Não por conta de ser uma das linhas religiosas que contém diversos segmentos, e com um grande número de seguidores, mas, por conta de como surge no mundo e dos fundamentos deixados por Jesus de Nazaré. Diante disso, se faz necessário, cada vez mais, lançar mão dos bons exemplos deixados pelos protagonistas da história do Cristianismo e, de maneira especial aqui, da história da Igreja no período dos Santos Padres.

Para isto, o objetivo desse artigo é abordar – no pensamento de São João Crisóstomo - a questão da concentração de bens e a ganância, as quais trazem como consequência a miséria e a fome de muitos. Procuraremos refletir a respeito de algumas manifestações deste Padre da Igreja, que não se calou e nem se omitiu diante das dificuldades que cercavam sua realidade e de seus contemporâneos. Com discurso claro e objetivo, somado a atitudes de intervenção em favor dos abandonados, revela sua percepção a respeito de como os cristãos devem ser no mundo. Outro elemento importante de nossa reflexão, serão textos bíblicos que corroboram as manifestações do antioqueno.

1. São João Crisóstomo

São João Crisóstomo (345/349/354-407) faz parte do grupo dos Padres da Igreja que viveram a Segunda Época da Patrística,² que é considerado, a partir do ponto de vista dos debates a respeito dos temas mais importantes da tradição da Igreja, como o período mais denso e fecundo. Vindo de família abastada, nascido em Antioquia na Síria, filho de um funcionário da administração civil do governo militar da Síria que morrera pouco tempo depois de seu nascimento. Sua mãe, Antusa, mesmo ainda jovem, aos vinte anos de idade, não se casou novamente; foi aluno do famoso retórico Libânio, foi também ouvinte do filósofo Andrágico.³ Contudo, segundo Moreschini,⁴ ele não se interessava por reflexões filosóficas devido ao seu interesse específico pelas questões sociais.

Rebelou-se contra quem bebia ensinamentos palavrosos, foi atraído pelos textos sagrados e frequentou a escola de Deodoro de Tarso. Batizado na época de Melécio, bispo de Antioquia, recebeu o encargo de leitor. Depois da morte da mãe, entregou-se à ascese por alguns anos nos arredores de Antioquia, primeiro sob a direção de um velho eremita, depois dedicando-se à vida solitária; a rudeza e as privações dessa experiência minaram-lhe a saúde, pelo que foi preciso retornar para a cidade.

Foi ordenado diácono em 381 e presbítero em 386 durante o episcopado de Flaviano, que lhe confiou a pregação. Nesse período em que exerceu o ministério sacerdotal a serviço da Igreja antioquena, até sua eleição para o episcopado de Constantinopla 397, João deu provas de suas grandes qualidades oratórias e compôs a maior parte de suas homilias, pelas quais se tornou justamente famoso.⁵

Entretanto, o resultado dos seus estudos e de sua eloquência não se limitou às honrarias por seus belos discursos. Sua visão de mundo não permitia meras expressões de solidariedade sem que de fato, como Jesus Cristo, se fizesse presente junto aos que sofrem a precariedade causada pela injustiça social de seu tempo. Conforme Michel Spanneut:⁶ “Ele alimentava as almas, mas defendia também os corpos”. Era uma pessoa comprometida com os pobres e

² BOGAZ, A. S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H., Patrística: caminhos para tradição cristã, p. 28.

³ BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETI, M., Dicionário de literatura patrística, p. 1120-1121.

⁴ MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 655.

⁵ BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETI, M., Dicionário de literatura patrística, p. 1121

⁶ SPANNEUT, M., Os Padres da Igreja, p. 105.

migrantes e “sustentado pela diaconisa Olímpia, cria casas de acolhimento para pobres, doentes estrangeiros,”⁷ pois era “uma alma sensível devorada pelo amor a Deus e aos homens.”⁸

De fato, a melhor parte da herança literária do Boca de Ouro versa sobre as Escrituras, na tentativa de elucidar o sentido espiritual precedendo-o de atenta análise formal. João Crisóstomo utiliza o método da escola antioquena de investigação exegética, que prioriza o sentido material do texto a fim de não iludir o ouvinte com interpretações alegóricas sem vínculo com a divina revelação.⁹

Para o antioqueno, a Revelação divina tem seu grande sentido na realidade. Se do ponto de vista teológico se faz necessário o uso da analogia para melhor compreensão da mensagem textual, a exegese revela com maior proximidade do quer tratar o texto a partir da interpretação do autor diante de sua experiência com o Sagrado. Desta forma, seus ouvintes percebiam a mensagem de maneira mais próxima de sua realidade.

2. A dura realidade

João Crisóstomo viveu um período em que a Igreja, apesar de já haver sido acolhida pelo Império Romano, situava-se, de certa forma, de maneira marginal aos costumes e normas da sociedade romana, a qual desde o período dos Antoninos, que ocorre entre o primeiro e o segundo século, traçava uma forte linha de divisão entre o pequeno grupo dos cidadãos abastados e a classe pobre. Nesse contexto, a Igreja é meramente um elemento urbano, assim como o bispo e sua comunidade que podia se reunir, graças às doações imperiais, na basílica, a qual era praticamente uma cópia da sala de audiências do imperador, bem como o clero disfrutava dos privilégios da corte. Apesar de poder adentrar na basílica, os pobres tinham que esperar os mais ricos entrarem antes deles, e assim escolherem os melhores lugares, trajados com suas finas túnicas bordadas com temas do Evangelho. Muitos clérigos se deixavam seduzir pelo conforto social que os privilégios da corte imperial lhes ofereciam, o que Crisóstomo advertia severamente indicando que estes deviam buscar muito mais a vida espiritual,¹⁰ e além de abdicar de tal conforto, era contundente em suas expressões, conforme ilustra Veyne:¹¹

Sabemos que João Crisóstomo, quando estava em Constantinopla, tornou-se deliciosamente impopular graças a seu hábito de acompanhar com os olhos cada um dos grandes proprietários de terras e os cortesões que deambulavam dentro e fora da basílica durante os sermões; seu olhar penetrante os designava publicamente como os autores dos pecados e das injustiças sociais que ele denunciava do alto de sua tribuna.

Obviamente, sua postura não demorou em obter a animosidade vinda da alta corte, e principalmente da imperatriz Eudóxia. Na contramão daqueles que defendiam o sofrimento como vontade divina, o antioqueno critica severamente as estruturas injustas da sociedade abastada de seu tempo que vivia sua luxúria em detrimento do cuidado com os pobres: “Em momento algum João Crisóstomo coloca a dor, a miséria ou o sofrimento como desejados por Deus.”¹²

A animosidade das altas classes a respeito do grito profético que chama a atenção ao devido cuidado com os pobres ecoa desde o Antigo Testamento, onde se faz presente a exortação que, de maneira nenhuma condena a riqueza, mas a avareza tão comum em quem

⁷ SPANNEUT, M., Os Padres da Igreja, p. 106.

⁸ SPANNEUT, M., Os Padres da Igreja, p. 108.

⁹ JOÃO CRISÓSTOMO, Da incompreensibilidade de Deus, da providência de Deus, Cartas a Olímpia, p. 11.

¹⁰ BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETI, M., Dicionário de literatura patristica, p. 1122.

¹¹ VEYNE, P., História da vida privada 1, p. 265.

¹² JOÃO CRISÓSTOMO, Da incompreensibilidade de Deus, da providência de Deus, Cartas a Olímpia, p. 13.



muito tem e muito mais quer ter. Pois a ostentação que se transforma em uma forma de competição entre os ricos avarentos, passa por cima da necessidade da devida atenção ao sofrimento de quem vive na precariedade. Não se trata mais de adquirir o necessário para a sobrevivência digna, mas de ter muito mais do que os outros. Daí que a qualidade dos tecidos, a cor púrpura, os brilhos das joias ostentadas a preços absurdos, entorpece mentes e corações avarentos e egoístas, que aparentemente seguem a mesma tentação do primeiro casal bíblico que acreditou poder ser como Deus (Gn 3,5).

O antioqueno busca, também no Evangelho, motivações para o cuidado com os excluídos pela sociedade e que foram acolhidos por Jesus. Cabem, então, algumas perguntas importantes: quem são os dignos de fazer parte do Reino de Deus? Será que é possível crer em uma perspectiva cristã que impõe a pobreza como castigo ou como vontade divina? Estaria o próprio Jesus de Nazaré incluído neste conceito, pois, nasceu, viveu e morreu pobre?

O filho de carpinteiro viveu em todos os sentidos a dureza da vida de quem depende do trabalho duro para conseguir seu sustento. Seria então, devido a isso indigno do Reino de Deus segundo a perspectiva classista daqueles que, como os *arestos*,¹³ que, na antiga Grécia, justificavam seu status quo e sua crueldade por considerarem-se descendentes dos deuses, fogem de sua culpa e responsabilidade com quem sofre as consequências da ganância de poucos? Para Crisóstomo, em seu “Comentário às Cartas de São Paulo” (vol. 1), todos devem ter em conta que para Deus todos são dignos.

Uma consulta às obras de São João Crisóstomo mostra não somente o seu apreço estupendo pelas epístolas paulinas, mas também que a *synkatábasis* (condescendência) está presente na ação criadora, nas teofanias, na *kenosis* (esvaziamento) da Encarnação, nos milagres, nos sacramentos e, particularmente no batismo e na Eucaristia. Em direção à Encarnação, expressão máxima da condescendência, eram orientadas as várias expressões que a própria condescendência teve ao longo da história da salvação, porque Deus não faz todas as coisas de uma só vez, mas se serve de sua condescendência em virtude da sua grande filantropia. No que tange à Encarnação, notemos a estreita relação da *synkatábasis* com a *kénosis* de Fl 2,6-8. Comentando o hino cristológico, S. João Crisóstomo afirma que o Filho de Deus, não recusando tomar a forma de servo, não receou perder a própria dignidade como fazem os homens e, com uma imagem, explica que o Filho não se apegou ciosamente à sua dignidade como um tirano, mas agiu como um bom rei que se mistura com os seus soldados.¹⁴

Sua visão a respeito da compaixão divina, mostra a face de um Deus que reconhece a precariedade da condição humana e quer estar com seus filhos o mais próximo possível, para assim, poder com eles relacionar-se e comunicar-se de acordo com suas limitações: “O conceito de condescendência implica uma descida ao nível inferior, uma adaptação à capacidade do outro,”¹⁵ sendo então um ato de compaixão que quer alcançar a todos: “Como um mestre com seus alunos, como os genitores que imitam o balbuciar de seus filhos, Deus desce ao nosso alcance.”¹⁶

Na pessoa de Jesus Cristo, a compaixão assume o lugar da misericórdia, dado o fato de que o Criador se aproxima de suas criaturas de maneira real. Vivendo com seus contemporâneos o estado absoluto da pobreza e da perseguição vinda de uma sociedade pautada em corrupção e hipocrisia. E como afirma Pagola:

É o amor compassivo que está na origem e no pano de fundo de toda atuação de Jesus, que inspira a confiança de toda a sua vida. A compaixão não é para ele mais uma virtude, uma atitude entre outras. Ele

¹³ Conforme Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, p. 142, esse termo que somado à palavra *Kratos*, forma a palavra Aristocracia, ou seja, governo exercido pelos melhores da sociedade.

¹⁴ JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 17-18.

¹⁵ JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 21.

¹⁶ JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 22.

vive impregnado pela misericórdia: dói-lhe o sofrimento das pessoas, ele o assume como seu e o transforma em um princípio interno de sua atuação.¹⁷

Assim como para Pagola, Crisóstomo compreende que o sofrimento do outro, para Jesus, é também dele. A compreensão de que, enquanto humano somente consigo me realizar com o outro e no outro, faz parte da chave de leitura de Jesus para com a humanidade. Compreender-se como corresponsável pela vida significa compreender melhor o significado da palavra Evangelho. Na realidade vivida pelo antioqueno, trata-se de uma genuína consciência cristã em meio a uma sociedade que esbanjava luxo e ostentação, Crisóstomo não economizava críticas aos seus contemporâneos que, de muitas maneiras, exibiam suas posses. Contudo, desprezando os necessitados:

E critica os cristãos que se entregam a inquéritos sobre os indigentes: “Eles são trapaceiros e ingratos? – Tu serás mais que recompensado recebendo-os em nome de Cristo”. Todos os miseráveis são o Cristo errante e nu. Em vez de ficar enfeitando suas mulas e seus cavalos, ou mesmo a igreja, é melhor ocupar-se do Cristo sofredor. “Este templo é mais augusto que aquele”. E as páginas contundentes desfilam por dezenas: “Enquanto teu cão é empanurrado, Cristo morre de fome”. “Há sempre um lugar reservado aos carros e às carroças; mas para Cristo errante, nenhum.”¹⁸

A reflexão acima citada revela-se sobremaneira atual. Sem entrar em discussões a respeito do devido cuidado com toda a criação, podemos observar nas críticas de São João Crisóstomo, algo que ainda carece de atenção, apesar de tanto tempo decorrente de sua fala. Pois, tornam-se cada vez mais comuns comentários de muitos que justificam sua falta de caridade por conta de sua dúvida a respeito da possível doação a alguém que assume sua miséria e necessidade de pedir esmola. Hora, se alguém doa o que é doado pertence a quem recebeu a doação e, por isso, não cabe a quem doou julgar a forma que será utilizada a doação. Pois após isto, a responsabilidade será de quem recebe, e como afirma Mateus 6,3: “Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que fez a tua direita”. Outra questão importante quanto à caridade, se dá no sentido de perceber que o bem, deve ser feito por ser necessário, e não como moeda de troca.

A preocupação com demonstrações de status social, e ainda, a preocupação excessiva em gastos com a construção de templos, não deixam lugar para que o ser humano empobrecido, ou que o “Cristo errante”¹⁹ possa fazer parte da assembleia que vai à igreja celebrar, congregar. Em outros termos, temas que deveriam ser óbvios para todo cristão, que por sua origem, deveria ter como alicerce de sua fé. A Escritura precisa ser lembrada por Crisóstomo para compreender que os conceitos utilizados por seus opositores, além de excluírem Deus e sua absoluta sabedoria, desmerecem também a consequência disso.

João Crisóstomo, em suas homilias, se refere ao livre arbítrio como principal motivo da existência dos males. O mal, que não é opção divina, é resultado do egoísmo humano que, de maneira geral quer uma felicidade pessoal, declinando do cuidado para com o outro. Para o egoísta, até Deus deve atender-lhe pessoalmente e de maneira privilegiada. Se seu ego está feliz com Deus, então será uma pessoa de fé. Nessa relação utilitarista com a divindade, o importante é a relação pessoal com Deus, em detrimento do restante da humanidade e de toda criação. Se necessitamos de uma experiência pessoal com Deus, só terá sentido se nos conduzir ao outro e, conseqüentemente ao cuidado com a humanidade e com toda a vida.

¹⁷ PAGOLA, J. A., Jesus, p. 240.

¹⁸ SPANNEUT.M. Os Padres da Igreja, p. 126.

¹⁹ Grifo nosso.

Do ponto de vista cristão, a bondade e a misericórdia de Deus são absolutas, assim como sua sabedoria. Relativizar isso seria relativizar tudo no que creem os cristãos, em outros termos, entender que essa fé teria sido construída sob conceitos com referenciais que excluem a mensagem das Sagradas Escrituras, o que colocaria em xeque o próprio conceito de religião revelada dado ao Cristianismo. Para João Crisóstomo parece evidente que não se pode permitir isso, pois o reflexo da bondade e sabedoria divina, deveriam ser perceptíveis em suas criaturas.²⁰ Para referir-se ao amor e o cuidado de Deus com sua criação, busca referência na relação amorosa entre mãe e filho:

No intuito de não-lo apresentar, a Sagrada Escritura propõe comparações extraídas das ações humanas, propõe numerosos exemplos de amor, de providência e de solicitude. Não quer que nos detenhamos nisso, mas que superemos esses exemplos pelo raciocínio. Mas são fatos bem conhecidos dos ouvintes e mais capazes do que os outros de demonstra-la.

Quero dizer o seguinte. A alguns que certa vez se afligiam e lastimavam dizendo: “O Senhor me abandonou; o Deus de Israel se esqueceu de mim”, o profeta responde: “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre?” – isto é, se uma mulher não esquece de seus filhinhos, tampouco Deus se esquecerá do gênero humano.²¹

Fazendo referência ao livro do Profeta Isaías 49, 14-15, ele quer mostrar que não somos filhos do acaso, ou coitados no meio da criação divina. Quer mostrar a humanidade em suas relações como referência ao amor do criador por suas criaturas. Trata-se de um amor tido de maneira especial que supera inclusive o amor de mãe, aquele que comumente é referência de doação. Contudo, Deus ama muito mais sua criação, não pelo que uma pessoa tem, mas pelo que ela é, sua criatura, seu filho. Mesmo porque tudo lhe pertence, não por posse, mas pelo seu amor acolhedor e protetor. Além disso, é sempre importante lembrar que, enquanto humanos, somos uma só espécie e, do ponto de vista da mensagem de Jesus Cristo, todos irmãos. Como poderíamos então abandonar nossos irmãos para viverem por conta do acaso?

Em sua Quarta Homilia sobre a Carta aos Romanos,²² João Crisóstomo chama a atenção para o fato de que admirar-se com a riqueza e a luxúria, que, segundo o antioqueno, é tolice e desconhecimento do verdadeiro valor a se buscar, ou seja, a proximidade com as coisas divinas, afirma: “É melhor ser pobre e levar vida virtuosa do que ser rei com maldade. Com efeito, o pobre no seu íntimo, goza de todo prazer espiritual, sem se lembrar da pobreza externa por causa das riquezas internas.”²³

Para muitos, pobreza e riqueza fazem parte de um plano, de um projeto divino. Diante da monetização da religião vista em muitas igrejas onde, quando se fala no plano divino, isso acaba sendo diretamente ligado à riqueza material. Trata-se de uma divindade que promove a injustiça social. Tal fato lembra como na antiguidade alguns povos criavam suas divindades. Um exemplo interessante revela-se dos assírios, cujo deus Assur, justificava o modo de ser dos assírios, um povo conquistador que destruíra e pilhava os outros povos inimigos. Segundo Mckenzie:²⁴ “De fato, nenhum outro povo podia adorar a Assur.” Assim ocorre também com o deus dos acumuladores de riquezas. Contudo, o acúmulo de bens revela uma terrível face entorpecente. Aqueles que podem desfrutar de suas vantagens sequer pensam que possa existir realidade diferente, algo análogo a um tipo de Monte Tabor²⁵ dos materialmente afortunados. Por outro

²⁰ São Tomás de Aquino, na Suma Teológica v.1, questão 4, artigo 2, p. 187, faz a seguinte pergunta: “Estão em Deus as perfeições de todas as coisas? Segue-se então em sua magnífica obra uma das mais profundas reflexões a respeito do tema.

²¹ JOÃO CRISÓSTOMO, Da incompreensibilidade de Deus, da providência de Deus, Cartas a Olímpia. p. 123.

²² JOÃO CRISÓSTOMO, São. Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 77-85.

²³ JOÃO CRISÓSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/1. p. 84.

²⁴ MCKENZIE, J. L. S. J., Os grandes temas do Antigo Testamento, p. 68.

²⁵ Mateus 17,1-13, Lucas 9,28-36. A referência quer destacar a vontade de Pedro em permanecer naquele lugar onde reinam confortavelmente a presença divina e a paz.

lado, muitos dos que não dispõem de tais vantagens fazem de tudo para se parecerem como os abastados. Mas, seria a pobreza ou a riqueza vontade divina ou fruto do destino? Contudo, para nosso antioqueno, acreditar em destino é uma ilusão.

Crê que Deus é justo e não acreditarás num destino injusto. Crê que existe providência divina, e não acreditarás num destino que tudo abarca. Crê que há castigo e reino e não acreditará que o destino arrebatou o que temos e nos sujeita à necessidade e à violência. Não semeies, não plantes, não milites, nada faças absolutamente; acontecerá o que depende do destino, quer queiras quer não. Por que precisamos de preces? Por que queres tornar-te cristão, se existe destino?²⁶

Isto é, se existe um destino do qual não se escapa, todo esforço é tolice. Contudo, na realidade, não são forças externas que determinam a realidade de uma sociedade, e sim como ela se organiza. O destino de um povo é decidido principalmente pelos seus governantes. Entretanto, se os que governam se permitem corromper-se pela ganância, quem paga pelos seus desperdícios luxuosos, obviamente é o povo. Nesse barco dos abastados, infelizmente existem poucos lugares. O que agrava mais ainda o cinismo abastado é a afirmação de que tal divisão injusta vem da vontade divina, ou do destino imposto pelo deus das riquezas materiais, o qual desconsidera totalmente a realidade vivida por Jesus de Nazaré, um pobre carpinteiro. Ao referir-se a respeito da alienação da realidade, Boca de Ouro chama atenção para a hipocrisia com que se manifestam os membros da alta classe de sua comunidade. Seu olhar severo não deixa de levar em conta como se portam diante do altar.

O que dizes? Vens suplicar a Deus e usas ornamentos de ouro e tranças? Vieste participar de um coro? Acaso de uma festa de casamento, de cortejos? Nestas ocasiões utilizam-se objetos áureos, tranças, magníficas vestimentas. Aqui não é necessário. Vieste rezar, suplicar perdão de teus pecados e ofensas, pedir ao senhor que se torne propício; por que te ornamentas? Não é traje de um suplicante. Como poderás gemer? Chorar? Como orar intensamente enfeitada com tal vestimenta? Se chorares, tuas lágrimas serão ridículas. Não se deve chorar carregando ouro. Seria encenação e hipocrisia. Não seria teatral derramar lágrimas enquanto a mente concebe tanta magnificência, tanta ambição? Renuncia a esta hipocrisia. De Deus não se zomba.²⁷

De maneira a referir-se aos grandes eventos de sua época, os quais eram frequentados pelos abastados de seu tempo, São João Crisóstomo chama a atenção destes para o fato de que diante do altar, todos são iguais. Ao portar-se na igreja como se estivesse em uma festa afortunada, mostrando todo seu luxo, a postura penitente perde o sentido, transformando-se em atitude hipócrita. Ele quer chamar a atenção para o grande valor da dignidade interna, da essência do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, e, por conta disso, não necessitado de ornamentos externos que a traça ou o ladrão podem subtrair. O que é externo à criatura, quanto mais exagerado, mais esconde a pureza e a beleza da criação. Diante de Deus não adianta querer cobrir a vergonha que se tem de si. Contudo, o exagero a que se refere Crisóstomo, está ligado ao luxo e à ostentação de posses.

Hodiernamente ocorrem ainda muitos exemplos como este. As Igrejas têm se preocupado bastante em reservar espaço para estacionamento dos veículos de seus membros. Contudo, parece não haver espaço para os carrinhos dos catadores de materiais recicláveis. É muito comum verificar que quando um deles entra na igreja, imediatamente é observado como alguém a ser temido, e, se possível retirado do ambiente. E conforme vai se deslocando da periferia para o centro das cidades, essa realidade se agrava ainda mais. Obviamente que não se pode generalizar. Contudo, a existência de exemplos contrários a essa realidade é escassa, e quando ocorre, acaba

²⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 18.

²⁷ JOÃO CRISÓSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 71.

sofrendo ataque desequilibrados por parte daqueles que não conseguem reconhecer sua parcela de culpa em tal realidade.

A frase final da citação acima poderia ser considerada chocante, se não fosse óbvia. Sendo Deus onisciente, como seria possível esconder algo de sua face, como tentou fazê-lo tolamente Adão, tentando esconder sua vergonha? A humanidade vem zombando de Deus de muitas maneiras. O mandato divino de cuidar da criação toda (Gn 1,27-31), transformou-se em usurpação e abuso, como no caso do servo mau (Mt 24,47-51) que abusa da autoridade dada a ele por seu patrão, agredindo seus companheiros e usurpando dos bens de seu senhor. A falta de cuidado com a própria humanidade acaba por refletir em toda a criação. Pois, se não amo o meu mais próximo, quem dirá o distante?

Com isso, a distância como toda a criação vai evoluindo cada vez mais e de maneira velada. Em seu tempo, São João Crisóstomo não tinha entre suas preocupações a questão ambiental, pois sua preocupação principal era com o ser humano e com a função da Igreja diante da miséria com que a maior parte dos seus fiéis tinha que conviver. Diante da manipulação política que sempre se fazia presente na Igreja, seus embates não foram poucos com os que pretendiam divinizar seu poder, coisa que ainda se faz presente na atualidade.

3. Da necessidade à acumulação egoísta em contraposição à Bíblia

Qual seria a medida do que é realmente necessário? Evidentemente não é mais o que valia enquanto a humanidade tinha um estilo de vida nômade, quando o necessário era o que se podia carregar. Conforme a humanidade vai evoluindo, o modelo sedentário, o ser humano desenvolveu a agropecuária e outras técnicas que foram necessárias para a manutenção da vida. Instalar-se em um determinado local exigia a capacidade de perceber se ali existiam todas as possibilidades de sobrevivência. No entanto, a capacidade de acumular alimentos para tempos de escassez foi se tornando cada vez mais necessária a partir do aumento do número de filhos nas famílias, o que passou a exigir mais esforço e domínio das técnicas necessárias.

Dessa forma, o dito popular de quem pode mais chora menos, passou a fazer parte da vida em sociedade. Alguns, de alguma forma, conseguiram acumular mais do que outros, e isso passa a ser também uma forma de poder e dominação por parte de quem podia mais. Dessa maneira, a riqueza e a pobreza surgem da diferença nascida da necessidade em contraponto com a possibilidade.

Crisóstomo nos lembra de que: “A palavra *chremata*, ou riquezas, vem de *chechresthai*, de uso, não de domínio. As próprias posses prestam-se ao uso, não ao domínio.”²⁸ A partir disso, se necessitamos de uma casa, é para nela fazermos moradia. Dessa forma, todo tipo de acúmulo excessivo acaba se tornando em abuso. Podemos nos questionar a respeito do que temos, levando em consideração do que realmente precisamos. O que é realmente necessário para a adequada subsistência? Onde estaria o verdadeiro tesouro (Mt 6,19-21)? E como nos lembra Dom Hélder Câmara:

Quem não sabe que trabalhadores, na medida em que, através de lutas heroicas e duras, vão conseguindo um padrão razoável de vida, tendem, por egoísmo, a instalar-se e esquecer que, em volta, nos próprios países ou, certamente, em países subdesenvolvidos, há proletários, subtrabalhadores arrastando uma subvida, que deveria ser tida como insulto e agressão a toda a classe trabalhadora.²⁹

²⁸ JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 97.

²⁹ CAMARA, H., O deserto é fértil, p. 48.

Dom Hélder chama a atenção para o que considera a verdadeira raiz do mal, o egoísmo. Ele nos alerta para o fato de que não são somente os mais abastados que precisam ser lembrados a respeito da realidade, mas todos nós que, de alguma forma acabamos nos alienando da realidade diante do mínimo conforto que conquistamos. Existe uma canção que se cantava nos grupos de jovens no início dos anos oitenta, com o título *Balada da Caridade*, de Composição: Irene Gomes e Rita De Cassia Ribeiro,³⁰ que fala a respeito dos contrastes instalados na sociedade e lembra que um irmão sofre enquanto outros poucos têm conforto.

Tal situação se agrava quando se exclama que tais diferenças são de vontade divina. Contudo não é assim que a Bíblia trata disso. Com respeito aos bens materiais, podemos citar algumas passagens que chamam a atenção para o cuidado com o apego a tais bens, como no caso de Lucas 12,33-34, que afirma ser melhor vender os bens e distribuir o dinheiro aos pobres, pois, o verdadeiro tesouro de que o texto fala, não pode ser destruído pela traça, nem levado por algum ladrão, e lembra que “onde está vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

Em Eclesiastes 2,26, vemos a riqueza como uma forma de castigo: “Ao homem do seu agrado ele dá sabedoria, conhecimento e alegria; mas ao pecador impõe como tarefa ajuntar e acumular para dar a quem agrada a Deus”. Certamente que é sabido por parte dos biblistas que tal citação revela uma ironia de Coélet diante da afirmação que vinha dos sábios daquele contexto, que tentavam explicar o acúmulo das riquezas por parte dos ímpios. Contudo, o texto permanece válido na atualidade, inclusive com a ironia que vem com ele. Ainda em Eclesiastes 5-9, o texto trata da ganância, e alerta que quanto mais se tem dinheiro, mais se quer. Já no Evangelho segundo Mateus temos várias passagens que tratam do desapego. São elas: Mt 6,19-21.24.25-34. Em Eclesiástico 5,8, temos uma admoestação aos corruptos: “Não confie nas riquezas injustas, porque não te servirão para nada no dia da desgraça.”

Contudo, se faz necessário lembrar que não é adequado imputar culpa ao objeto, mas, ao sujeito. Por exemplo, a pedra que Caim lançou mão para matar Abel, não cometeu o fratricídio (Gn4). O mal parte sempre de uma intenção, como afirma o Evangelho segundo Mateus 15, 15-20, a maldade parte do coração, isto é, da má intenção. O problema não está nas riquezas, mas na maneira com que se relaciona com elas. Afinal de contas, levando em consideração o texto do Livro do Genesis, o Criador deposita toda a riqueza da criação nas mãos da humanidade representada pelo primeiro casal (Gn,1) para que cuidem daquilo que Deus criou.

Porém, talvez a mais emblemática passagem bíblica a respeito do apego com as riquezas materiais seja a respeito do jovem rico que procurou Jesus (Mateus 19,16-30, Lucas 18,18-30) e perguntou-lhe o que mais poderia fazer para merecer a salvação, pois, segundo seu ponto de vista, já cumpria todas as suas obrigações religiosas. Quando Jesus sugere que ele venda tudo o que tinha e distribuisse o dinheiro aos pobres, o jovem abateu-se e saiu em silêncio pesaroso, tendo em vista a grande fortuna que possuía, e da qual não aceitava abrir mão.

Assim continua na atualidade; se João Crisóstomo e Jesus de Nazaré fizessem os mesmos apontamentos daquela época na atualidade, possivelmente as reações não mudariam muito. Pois, a questão do apego material e da ganância, revela-se como uma fraqueza humana. Isto por conta da precariedade dessa natureza, mas, também do não reconhecimento de que sua existência é frágil, efêmera e parte de toda criação, e não o centro dela.

Haja visto que, apesar da realidade estar estampada todos os dias em todos os meios de comunicação a que se tem acesso, toda essa dura realidade passa a ser tratada como estatística, como um número. A miséria já não tem rosto nem identidade. Ela também foi monetizada, transformada em números e revelada como porcentagem da população, o que a distância cada vez mais daqueles que não estão nela inseridos.

³⁰ GOMES, I., *Balada da caridade*.

O entorpecimento materialista somente permite expressões de surpresa e comentários frívolos. A sociedade não se afeta como deveria e, lamentavelmente, a miséria ainda acaba se tornando ferramenta eleitoreira. O que diria São João Crisóstomo a respeito disso? Certamente nada agradável aos ouvidos alienados que por vezes afastam-se daqueles que lhes pedem esmolas com medo de contágio, assalto ou como se fossem impuros. Mas, onde está a pureza? Como afirma São João Crisóstomo: “Pois nada é impuro, diz, mas somente eles; nada mais impuro. ‘Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com seus atos, pois são abomináveis, desobedientes e incapazes para qualquer boa obra’.”³¹

O texto acima citado refere-se ao preconceito daqueles que se achavam puros e não comiam alguns alimentos cujos quais consideravam impuros. Crisóstomo chama a atenção para sua hipocrisia, pois, como poderia alguma coisa criada por Deus, ser impura? Da mesma forma, como pode um ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus ser impuro? Mesmo porque, na situação em que se encontra o miserável, tem muito da alienação daqueles que colaboram com a miséria.

Mais adiante, o antioqueno exclama: “O que é impuro? O pecado, a malignidade, a avareza, a maldade.”³² Ainda que esteja estampada tal realidade, a pobreza se torna cada vez mais invisível diante da pressão do acúmulo de riquezas por poucos, que empurra os pobres para as periferias, muitas vezes às margens de rios que, por conta do assoreamento que ocorre também pelo descuido com o meio ambiente, vez ou outra são afetados por enchentes que destroem o pouco que lhes resta.

Mais uma vez a desgraça dos pobres vira estatística, quando, por falta de opção, são obrigados a construir seus lares em encostas de morros, onde também por consequências climáticas como tempestades, desmoronam morro abaixo, deixando muitas vezes somente cadáveres e entulho. O que é impuro?

Certamente que tudo isso é incômodo e inquietante. Seria mais agradável uma reflexão a respeito de temas que elevassem nosso espírito e nos aproximassem das belezas que a criação divina nos oferece. No entanto, o múnus profético nos convoca. Assim como São João Crisóstomo, devemos admoestar a sociedade constantemente a respeito desse tema que cada vez mais trará consequências terríveis e a nível planetário. Para amarmos o próximo, necessitamos nos aproximar dele, seja quem for. Do contrário, estaríamos desconsiderando o próprio Cristo.

Conclusão

Uma questão inquietante deveria estar sempre em nossa mente: onde está meu tesouro? Dito de outra maneira, em quem ou no que estou depositando minha fé? Ou ainda, qual minha perspectiva de futuro? Pois, se nossa preocupação com o futuro está presa à materialidade, certamente não teremos futuro. Será que compreendemos o significado de eternidade? Seria possível perceber que o que consideramos realidade temporal não passa de um fragmento da eternidade? Será que alguma coisa que nos cerca nos pertence?

São João Crisóstomo, com sua severidade, disse aos seus contemporâneos o que percebia ser necessário a partir de sua função religiosa, cumprindo seu múnus profético. Provavelmente, se na atualidade alguém se manifestar da maneira que ele se manifestou, estaria com muitos processos judiciais a responder. Porém, nenhum profeta o é se o medo sobressair em seu modo de ser. Pois, diante de uma sociedade monetizada, cada ato tem seu custo. Quem sabe, com este artigo, seja possível provocar a consciência humana para a realidade que cada vez mais se

³¹ JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 298.

³² JOÃO CRISOSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 299.

agrava diante da crescente miséria que vem assolando a humanidade. Não se trata de assumir nenhum tipo de ideologia política, pois todas elas manifestaram-se incapazes de atender às demandas sociais. Trata-se de lembrar o ser humano do que ele é, tanto do ponto de vista religioso como social, de compreender a responsabilidade solidária diante de tamanha desgraça causada pela ganância.

Se buscarmos uma reflexão que compreenda o ser humano como parte de toda uma criação, devemos perceber que este não pode considerar-se o grande predador da vida. Do ponto de vista bíblico, não foi para isso que Deus nos criou. Não podemos mais aceitar a miséria como fenômeno natural na sociedade, e sim como uma deformação que tem como resultado a desgraça humana. Parece que já passou da hora de percebermos que a consequência desse descuido bate à nossa porta cobrando a parte que lhe cabe. Vivemos em uma sociedade em que as casas e os condomínios dos mais abastados tornaram-se algo muito parecido com prisões, tendo em vista os equipamentos de segurança ali instalados. São cercas elétricas, arames farpados, sensores de movimento, e tudo o mais que se possa pagar. A liberdade cada vez mais reduz-se a um mero conceito egoísta.

Qual seria então a solução? A resposta já foi dada de diversas maneiras. Contudo, não é agradável para quem tem muito a perder. Mas, quem sabe, com provocações e reflexões adequadas, a consciência possa evoluir. O problema é que a situação já passou do ponto de resolução rápida e eficaz. Contudo, aos que tem fé, que seguem os ensinamentos do cristianismo, que aqui é referência de reflexão, possam perceber o que significa ser cristão a partir da realidade do próprio Jesus de Nazaré. Que nos coloquemos no lugar daquele jovem rico que o procurou, mas, que não viemos as costas à realidade de nossos irmãos e possamos partilhar, cada um conforme sua possibilidade, a cada um conforme sua necessidade. Quem sabe assim poderemos chegar à tão falada equidade.

Certamente teríamos muito mais a citar a respeito do pensamento de São João Crisóstomo bem como a respeito do tema aqui tratado. Contudo, se foi possível de nossa parte provocar a curiosidade do leitor, isto nos parece momentaneamente satisfatório. O pensamento desse imenso referencial da Patrística ainda merece muitos estudos e reflexões, por conta de sua profundidade, profetismo e testemunho cristão. Tais características não devem somente ser estudadas, comentadas e admiradas, mas, merecem ser seguidas. Talvez uma consciência e atitudes voltadas para a realidade dos que sofrem com a pobreza, permitam que possamos honrar cada vez mais o título de cristãos. Entretanto, vez ou outra nos deparamos com um cristianismo embusteiro, raso, descomprometido com o Evangelho, e voltado somente para a materialidade, cuja qual se esquece o quanto é efêmera e frágil, como nos lembra o Evangelho segundo Mateus 12,20-21: “Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão? Assim acontece àquele que junta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus.”

Porém, devemos ter em mente que o que aqui se trata, não diz respeito à condenação daqueles que fazem parte das classes mais abastadas, pelo simples fato de o serem. A questão aqui referida, diz respeito ao descuido com os pobres e miseráveis, com a ganância, com a hipocrisia diante do que nos cabe enquanto sociedade e, principalmente enquanto cristãos. Compreender cada vez mais que quanto maior a pobreza, maiores serão os problemas sociais. Quanto maiores as distâncias entre ricos e pobres, a tendência do aumento da criminalidade se assevera proporcionalmente. Desta maneira, podemos perceber que o cuidado com os pobres refletirá no bem-estar de todos. Pois, se nas sagradas escrituras há tantas referências que chamam a atenção ao cuidado com a ganância, assim como as reflexões de tantos outros como São João Crisóstomo, podemos perceber que o Bom Pastor não quer abandonar as ovelhas entorpecidas pela materialidade. E conforme o Evangelho segundo João 6,39: “E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele

me deu, mas o ressuscite no último dia.” Fica claro então que a admoestação somente ocorre quando há a preocupação com aquele que é admoestado.

Quanto a São João Crisóstomo, depois de uma vida de lutas e desavenças com aqueles a quem advertia a respeito de sua postura equivocada, foi condenado ao exílio e devido a problemas de saúde somados às fadigas resultantes de seus embates, morreu perto de Comana, localidade próxima ao Mar Negro, em 14 de setembro de 407, exclamando suas últimas palavras: “Glória a Deus por tudo.”³³ Assim o antioqueno cumpriu sua função como ser humano, como cristão, como presbítero e como bispo. Apesar de toda pressão que sofreu, não esmoreceu. Seu exemplo permanece como provocação e convocação a todos os cristãos e não cristãos, pois, sua manifestação não foi somente a favor de uma religião, e sim por sua preocupação com o ser humano que sofre e desgraça da fome e da miséria. Esses problemas sociais afetam a humanidade inteira, e por isso podemos considerar a fala do antioqueno como provocação universal que clama pelo cuidado com os mais necessitados.

Referências bibliográficas

BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETI, M. **Dicionário de literatura patrística**. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. Ver. E ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2002.

BOGAZ, A. S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H. **Patrística**: caminhos da tradição cristã, textos, contextos e espiritualidade da tradição dos padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulus, 2008.

CAMARA, H. **O deserto é fértil**: roteiro para as minorias Abraâmicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1976.

GOMES, I., Balada da caridade. Disponível em: <<https://immub.org/compositor/irma-irene-gomes/>>. Acesso em 25 de mai. 2023.

JOÃO CRISOSTOMO, **Da incompreensibilidade de Deus, da providência de Deus, Cartas a Olímpia**. São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO CRISOSTOMO, **Comentário às Cartas de São Paulo/1**, homilias sobre a Carta aos Romanos: comentários sobre a Carta aos Gálatas, homilias sobre a Carta aos Efésios. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO CRISOSTOMO, **Comentário às Cartas de São Paulo/3**: Primeira e Segunda Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus. São Paulo: Paulus, 2013.

MCKENZIE, J. L. S. J. **Os grandes temas do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 1971.

MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2013.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, M. F. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Matese, 1963.

SPANNEUT, M. **Os Padres da Igreja**: Séculos IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2020.

³³ BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETI, M., Dicionário de literatura patrística, p. 1123

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: Teologia, Deus, Trindade: questão 4 A Perfeição de Deus, artigo 2, São Paulo: Loyola, 2009.

VEYNE, P. **História da vida privada 1**: Do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Schwarcz, 1992.

Renato Barbosa dos Santos

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Docente no Instituto de Filosofia e Teologia Dom Jaime Garcia Goulart Fatumeta Dili
Dili – Timor Leste
E-mail: renobsantos@gmail.com

Mario Antonio Sanches

Doutor em Teologia pelas Faculdades EST
Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba / PR – Brasil
E-mail: m.sanches@pucpr.br

Recebido em: 06/07/2023

Aprovado em: 11/09/2023